

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 649

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
LO SECULO
ARCINHO

AS AVENTURAS DE D. ANASTÁCIA

ADAPTAÇÃO DE VIANA

NAQUELE dia fazia anos D. Anastácia.

Tendo esta necessidade de sair, disse à criada, nova na casa, que, nesse dia, costumava receber muitos presentes, pelo que ela, se lhe viessem trazer alguns, devia aceitar e agradecer.

Mal D. Anastácia acabara de sair, bateram à porta.

Segismunda foi abrir.

—«Tenha a bondade de entregar este galo à sua senhora, e de dizer-lhe que vem da parte da sr.ª D. Efigénia.»

—«Fica entregue muito obrigada.» agradeceu Segismunda ao moço de fretes que lhe apresentava um lindo galo, de fartas penas e de bico agudo.

—«Ora esta! — exclamou ela. — Onde hei-de meter o galo?

Na capoeira, está visto!»

Daf a instantes bateram novamente à porta.

—«Que maçada! — (murmurou Se-

gismunda, ao receber um papagaio de lindas penas verdes e bico amarelo.)

Onde meterei, agora, este mostrengo? Olha! Vais para a capoeira, também!»

Mestre galo, ao ver entrar D. Papagaio, cantou assim:

Ah! ah! ah!
Bicho tão feio,
Na capoeira
Não fica cá!

Foi-se a êle e depenou-o.

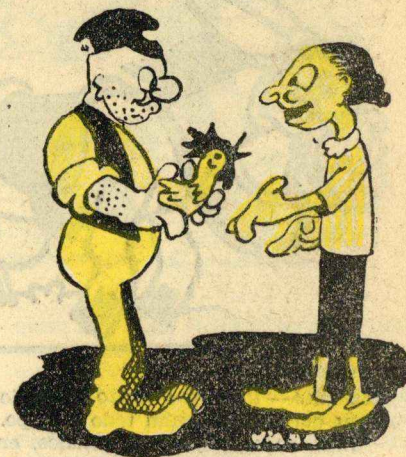
—«Ai Jesus! — gemia D. Papagaio:

Pássaro tão lindo
E tão emplumado,
Que por D. Galo
Foi depenado!»

Então saltou para o mais alto poleiro da capoeira, tremendo de frio e de medo.

Novamente bateram à porta, sendo entregue a Segismunda outro galo tão lindo como o primeiro, o qual ela meteu, também, na capoeira.

Uma luta feroz se travou, logo, entre os dois galos.



Mas, como eram ambos da mesma força, morreram os dois.

Quando D. Anastácia chegou a casa, perguntou à criada pelos presentes recebidos.

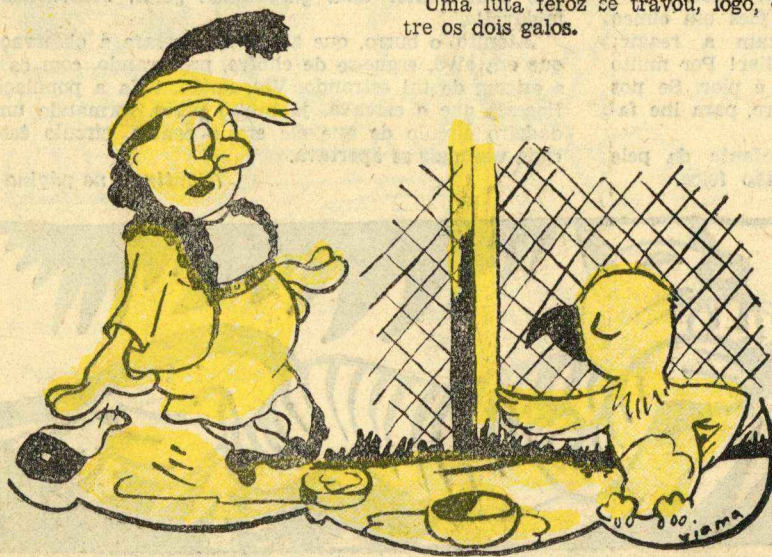
—«Olhe, minha senhora, estão todos na capoeira.»

D. Anastácia dirigiu-se para lá; abriu a porta e deparou-se-lhe D. Papagaio lá em cima, cheio de medo, e os galifões mortos no chão.

—«Jesus! Que seria isto?» exclamou estupefacta.

Então, D. Papagaio, descendo do poleiro, cheio de «pose», assim cantou:

—«Sr.ª D. Anastácia
Ninguém me venceu a mim,
Pois, quando dispo o casaco,
Termino as brigas assim!»



FIM

As aventuras dum burro

POR JUDITH DE OLIVEIRA AFONSO



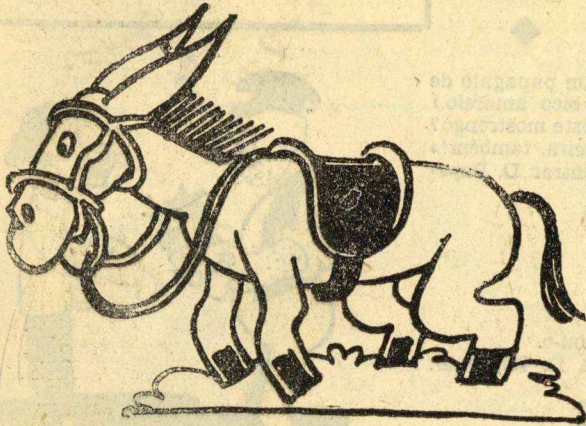
NA tarde calma, tombava o Sol. A floresta, entorpecida pelo calor escaldante daquelas regiões tropicais, parecia dormir. Nem a mais leve aragem agitava as folhas. Súbito, no silêncio solene e impressionante, soou um ruído extraordinário, um rugido longo e disparatado, uma coisa imprevisível e discordante:— o zurrar dum burro! Foi uma admiração geral.

As feras assomaram à entrada das tocas, interrogando-se com alvoroço:

- «Ouvii, Comadre Hiena?»
- «O que seria aquilo, Senhora Leão?»

Mais além, emergindo das águas, ou assomando por entre os ramos, outros animais comentavam o caso:

- «Que coisa horrível, Senhora Elefanta!»
- «E' verdade, Senhor Hipopótamo! Ora repare na minha pele: toda arrepiada!...
- «E' medo?! Não vale a pena, que não há-de ser caso



para tal!» — tornara o outro, fazendo por dominar as tremuras que lhe agitavam todo o corpo.

Entre os animais mais miúdos, então, o terror era geral: todos corriam desordenadamente e, na sua aflicção, mal podiam falar.

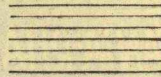
— «E' pior que o leão!» — considerou, pávida de susto, uma gazela ainda novita, que já estivera prestes a ser vítima do temido rei da selva.

E durante mais de meia hora, sem o menor sangue-frio, os animais não sabiam que pensar, nem que fazer.

Finalmente, alguns mais afoitos — entre eles um cínico macaco, aventureiro e atrevido — começaram a reagir:

— «Que diabo, sem ver não se pode avaliar! Por muito ruim coisa que seja, o nosso terror ainda é pior. Se nos juntássemos todos e procurássemos o monstro, para lhe fazermos frente, sendo possível?»

— «Ai não, não! (respondeu logo a elefanta da pele arrepiada.) Tem havido, entre nós, casos tão feios.



Eu tenho a certeza que isto é um castigo do céu. E o pior é que depois Deus manda os castigos para todos: paga o justo pelo pecador.

Eu, pelos menos, que não faço mal a ninguém!... — «Nem eu!» — «Nem eu!» E as vozes trémulas repetiam isto, como um estribilho plangente.

— «O meu marido, esse é que não vai, nem os meus filhos.» — tornou a prudentíssima «matrona», logo secundada por outras de igual jaez.

— «Pois bem! — lançou o macaco em desafio — Quem tiver medo que fique, quem for corajoso que me siga! Depois, dirão se cá o simio só serve para fazer caretas.» E, de facto, muito sério, avançou majestosamente, seguido... por todos os animais. E' que nenhum se atrevia, naquela ocasião, a separar-se dos outros e a ficar sozinho, pois todos compreendiam instintivamente que a união faz a força, coisa que os humanos tantas vezes esquecem; de forma que, em breve, formaram densa e aguerrida multidão, já mais animados, por se verem tão numerosos.

Correram a floresta em todas as direcções. Todos abriam muito os olhos, pois contavam com um vulto tamanho, que mal pudessem abrangê-lo dum só olhar. A certa altura, viram, a distância, um animal desconhecido. Era o burro.

Como nunca tinham visto outro igual, ficaram-se a olhar intrigados, sem, contudo, acreditarem que fôsse aquele o dono de tal voz. Como se respondesse, porém, a tão ultrajante dúvida, o asno solta novo e estridente zurro. Os bichos estremeceram, mas nenhum fugiu. Já se não estabelecera o pânico, como da primeira vez.

E, então, quando o burro começou a comer, pacificamente, as ervas tenras do chão, mais se admiraram. O tipo era herbívoro! Já pouco medo lhe tinham... E continuaram a olhá-lo, com curiosidade, sem, no entanto, se atreverem a avançar, até ver.

Assim estavam havia cinco minutos e combinavam já os pormenores dum ataque em forma quando, súbito, o burro, lançando-se num galopezinho muito gentil, se encaminhou para um pequeno largo onde o solo, de areia solta, não tinha vegetação. Ai, lançando-se de pronto ao chão, começou a espolinhar-se com tal satisfação, numa tal embriaguez de ar e liberdade, que o ridículo exercício mais ridículo se tornou ainda e a bicharada, já completamente refeita e quasi que envergonhada do seu terror, não pôde conter uma gargalhada geral, bombástica, formidável!

Atônito, o burro, que ainda não notara a observação (de que era alvo, ergue-se de chofre, procurando, com os olhos, a origem de tal estrondo. Viu, então, toda a população da floresta que o cercava, já muito perto, formando um verdadeiro círculo de que ele era o centro, círculo este que cada vez mais se apertava.

(Continua na página 4)



FÁBULA

Por Feliz Ventura

— «Dona Poupa mas que pressa!... Diga, diga-me onde vai, que serviço vai fazer? Fica-lhe tonta a cabeça, com certeza, de correr.»

Disse a linda Cotovia, que passava todo o dia, à janela, a dar à trela, para quem ali passava:

— «Onde vou? Mas que pergunta! Que coisa disparatada! Então, não sabe o motivo de eu ir, assim, apressada?»

Disse a poupa afogueada que parou a descansar junto à porta da Pombinha, vizinha da Carricinha, que a fazia sempre entrar



e de quem a Cotovia muito mal sempre dizia, toleirona, a desdenhar:

— «Ora diga-me a verdade, —disse a Poupa à Cotovia— minha amiga, não sabia que hoje chega da cidade o Ministro Tentilhão, senhor de alta distinção, que muito nos quer honrar, pois disseram-me que vem com a família passar cá na terra todo o verão?»

— «Oh, mas que honra! Eu não sabia!» —exclamou a Cotovia—

— «É verdade. E é só por isso que anda tudo atarefado para que, a tempo e a horas, fique tudo preparado.

Já se enfeitou o caminho, de cheiroso rosmarinho, para o cortejo passar, pois querem-no ir esperar à entrada da floresta.

Vai a fanfarra das Rolas que tocará, com primor, o hino da «GORDA ABELHA», uma música já velha mas que é querida e preferida por esse grande senhor.

Em seguida, há uma sessão em casa do Gavião, com discursos de homenagem ao ilustre personagem.

E, no fim, será eleita, para ser dama de honor da esposa do Tentilhão, a senhora mais bonita que se encontrar no salão.

Adeus, adeus, amiguinha, tenho que me ir arranjar!»

E a Poupa, tãda apressada, tic, tac, rua fóra, pôs-se logo a caminhar.

A Cotovia ficou na grande festa a pensar.

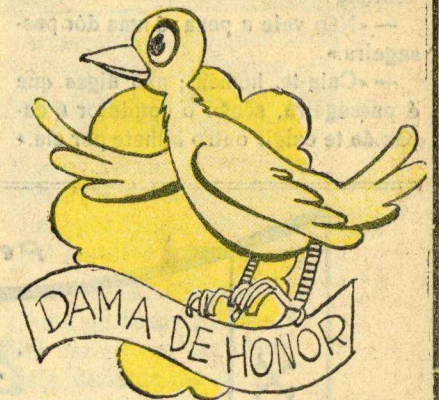
Passados curtos momentos, a Cotovia, vaidosa, sai também, tãda formosa, com vestido cõr de rosa, e chapéu cõr de luar; vai depressa, sem parar, apenas para esperar o ministro Tentilhão que não devia tardar, a aparecer na floresta.

Ora, ali já se encontrava uma grande multidão de biquinhos curiosos, que esperavam, muito ansiosos, tão ilustre cidadão.

E quando, lá muito ao longe, nuvem de pó se avistou, o maestro Pintassilgo a fanfarra preparou. Subiu ao ar foguetório, os bichos deram vivório numa infinda gritaria.

Para tudo se calar, pois tinha que discursar a doutora Pintarroixa, tiveram que se empregar grandes forças de polícia.

Na casa do Gavião, a vaidosa Cotovia.



pensando que ela teria a tão grande distinção de ser a dama de honor da esposa do Tentilhão, já de todos desdenhava pensando ter mais valor.

Afinal, a escolhida foi a Pomba mais pequena que se ficára, serena, sem toleima nem vaidade; antes, até, p'lo contrário, com grande simplicidade.

A cotovia, irritada, safu de ali tão zangada que, quando a casa chegou, gritou e barafustou sendo por todos troçada.

Eis aqui, neste continho, o que acontece na vida: A modéstia triunfante e a soberbia vencida.

a devida autorização; o segundo foi o susto que vos pregou.»

O leão não disse nos por altivez, mas contava aquela linguinha de prata da avestruz que, nessa ocasião, até lhe ouvira bater os dentes.

O certo, porém, é que ele se sentia ainda irritadíssimo com o choque que tivera, ao julgar-se já destituído dos seus poderes, e queria sobretudo vingar o seu susto, se bem que oficialmente lhe desse outra cõr. Então, continuou assim:

— «Eu, como vosso rei, tenho o dever de velar pelas vossas vidas e sossego. Por isso, vou castigar o intruso. Aí vai a sentença:

«Sejam-lhe infligidos três suplícios e, no fim, morto!» — «Estúpido!» — bramiu, indignadíssimo, o burro. Tolo fui eu em vir para esta terra de salvagens.

Mas o leão virou-lhe as costas soberanamente. O burro foi, então, colocado novamente no meio da roda e começou o suplício, não sem se terem retirado previamente as crianças e as damas mais nervosas.

O encarregado de dirigir os suplícios era o tigre, que tinha já alcançado vários diplomas neste ofício. Os gemidos, os lamentos, os protestos do pobre burro, confundiam-se com as risadas e sarcasmos da assistência.

(Continua na página 7)

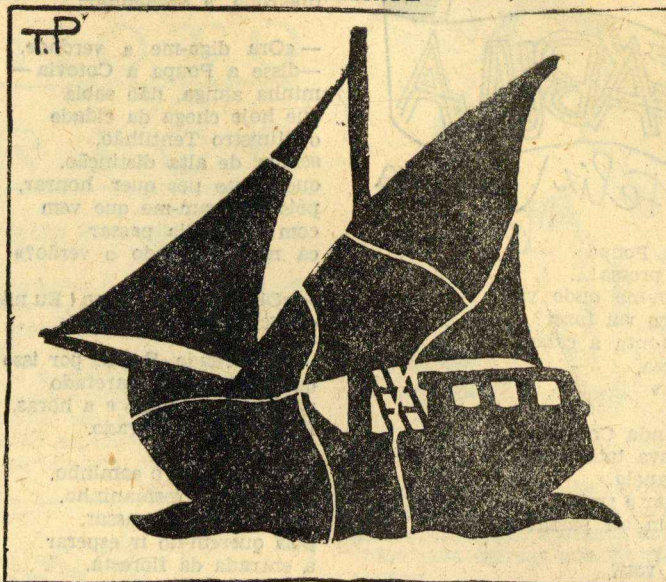
Aneotas

— «Onde está o meu guarda-chuva novo?»
 — Emprestei-o ao médico.
 — Oh, meu Deus! Nunca mais tornarei a vê-lo.
 — «Oh, homem!... Pois você acha o médico capaz de roubá-lo?»
 — «Não mas o guarda-chuva era dele próprio e eu havia-lho pedido emprestado há um mês.»

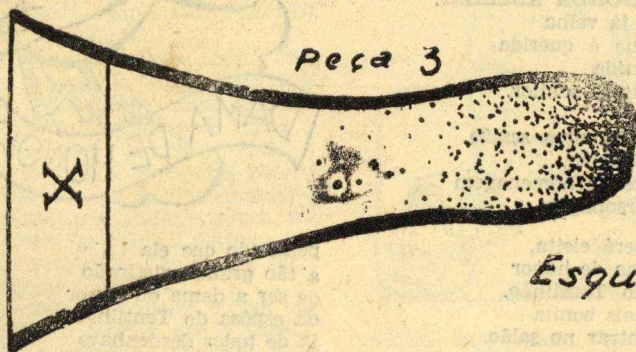
NO COMBOIO

— «Mas se está com uma dôr de dentes tão forte, porque não vai a um dentista?»
 — «Não vale a pena; é uma dôr passageira.»
 — «Cala-te, homem; não digas que é passageira, senão o condutor é capaz de te exigir outro bilhete por ela.»

CHARADA PROBLEMA — Solução do número passado



O objecto que tanto prendia o olhar do pirata era, afinal, um belo barquito que êle se preparava para abordar.



Passando a ferro... • A nossa construção

Instruções:

Eis, aqui, uma construção de execução fácil, que os meus amiguinhos, não deixarão, certamente, de armar, porque, além de ser simples e engraçada, ela representa, sem dúvida, a caricatura de alguma «Estrudes», ou nome que o valha, que vocês tenham como criada.

Mãos à obra, pois:

Colem as peças, 1, 2 e 3, em cartão, e as 4 e 5, em cartolina. Depois

de bem seco, recortem tudo, e abram todos os furos e a ranhura que se vê na peça 1.

Segurem, em seguida, com ataches, ou com uns fios, como já expliquei, noutros números, os furos B' B, e A A', sendo, neste último, o braço preso por baixo da manga.

Colem a peça 3 na n.º 2 e enfiem-na na ranhura do fundo.

Depois disto, prendam então os furos E E', D' D e C C', ficando, assim, pronta a construção.

Digam-me, agora, leitores, se esta cara tão alvar, não é a da vossa «Estrudes», quando a ferro está a passar.

AS DUAS MANAS GATINHAS

(Conclusão da página 3)

Coração com a simpática e trabalhadora gatinha.

E a Pomba, depois de chorar lágrimas amargas, resolveu emendar-se e seguir o exemplo da irmã. Tornou-se uma bichana tão trabalhadora, que as mães apontavam-na às filhas, como exemplo.

Esta boa nova, então, espalhou-se e com razão. E, certo dia, o irmão do cunhado Gatarrão, foi pedir a sua mão.



Por absoluta falta de espaço, não nos é possível publicar neste número as habituais secções: — «*Cos-tumes Portugueses*» e o nosso concurso: — «*Encontrai rimas e fixai conceitos*», que prosseguirão na próxima semana. Perdõem os nossos amiguinhos a involuntária falta.

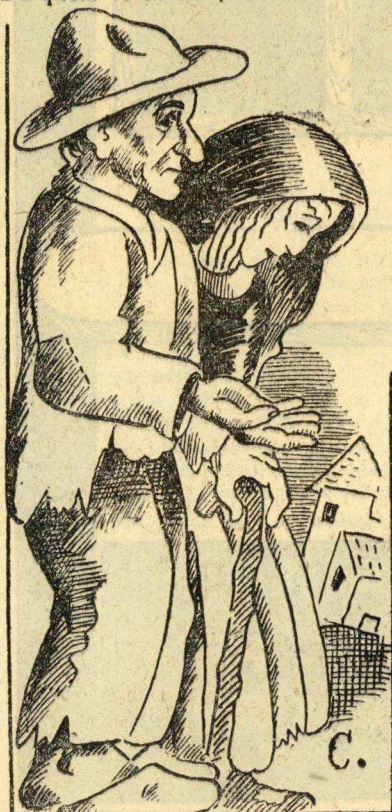
D. DELFINA

Por
FRANCISCO VENTURA

Na minha terra, que se ergue
Sôbre uma doce colina,
Houvê, um dia, uma senhora
Chamada D. Delfina,

Que votava aos pòbrezinhos
Tanto amor, bondade tanta,
Que lhe atribuiem milagres
E goza fama de santa.

Senhora de sangue ilustre
E muito grande riqueza,
Não se esquecia um momento
De quem vivia em pobreza.



Espalhava o bem a rodos
E não queria mais nada.

Às vezes, por alta noite,
Sem estrêlas e sem lua,
Ouviam os pòbrezinhos
Bater à porta da rua.

E antes que tivesse tempo
De ver quem batia à porta,
Viam dádivas em casa
E sòmente a noite morta.

Porém, todo êste recato
A ninguém já iludia.
Que era de D. Delfina
Tòda a gente ali sabia.

Um dia, contam as gentes
Dessa terra onde eu nasci,
Surgiram dois pòbrezinhos
Mais pobres do que os dali.

De fatos esfarrapados,
Pés roxos de tanto andar...
Foram-se a D. Delfina
Uma esmola suplicar.

Mas as servas, sem demora,
Disseram que nada havia.
Os tachos estavam limpos,
A arca estava vazia.

«Arranjai-lhes qualquer coisa
— Disse-lhes D. Delfina. —
Com pouco se alegra a face
De quem tem sorte mofina.»

Mas as servas, nòvamente,
Disseram não encontrar
Qualquer coisa, em tòda a casa,
Que servisse para dar.

Então, a boa senhora,
Cheia de funda amargura,
Foi ver se era realidade
Esta verdade tão dura.

E — ó caso nunca igualado! —
Mal lhes tocou sua mão,
Os tachos ficaram cheios,
A arca encheu-se de pão.

E aqueles dois pòbrezinhos,
Já não foram sem esmola,
Tiveram as bocas fartas,
Levaram cheia a sacola.

Milagre! Disseram todos.
Milagre! Digo eu, também.
Sempre se fazem milagres
Quando se quer' fazer bem.

Pois há sempre para dar
Aos pobres seja o que fôr,
Ou um pedaço de pão,
Ou um sorriso de amor.

Nem se sentia aviltada
Por lhes falar docemente,
E lhes levar seus carinhos,
Que os pobres também são gente.
Nunca gostava de ser
Por ninguém elogiada.

As aventuras dum burro — (Conclusão da pág. 5)

— «Fim da primeira parte — (disse o tigre, daí a algum tempo). Agora, vais morrer». E avançou para êle, de dentuça arreganhada... O burro fechou os olhos, encolheu-se, suspendeu a respiração. Sentia já o hálito do tigre junto ao rosto mimoso e depois os dentes que o abocanhavam no nêdio pescoço, quando de súbito...

Quando, de súbito, acordou...

Sim, isto não fôra mais que um sonho, um mau sonho. Ele era até um ingênuo e simples burrinho duma sossegada aldeia de Trás-os-Montes.

Na véspera, à tardinha, vindo com o dono do pasto, acompanhara-os um conterrâneo, havia pouco chegado da Africa. E tais coisas contara da selva o homenzinho, dos

animais ferozes, que eram senhores absolutos de extensas e solitárias florestas, e do altíssimo capim junto do qual a erva transmontana còraria de vergonha, e das poderosas correntes, ao pé das quais nada seria um rêgo de água, que o burrito pacato desejou ardentemente transportar-se lá, e adormecer a depois de muitos sentidos suspiros, reconhecendo a impossibilidade de realizar tal intento.

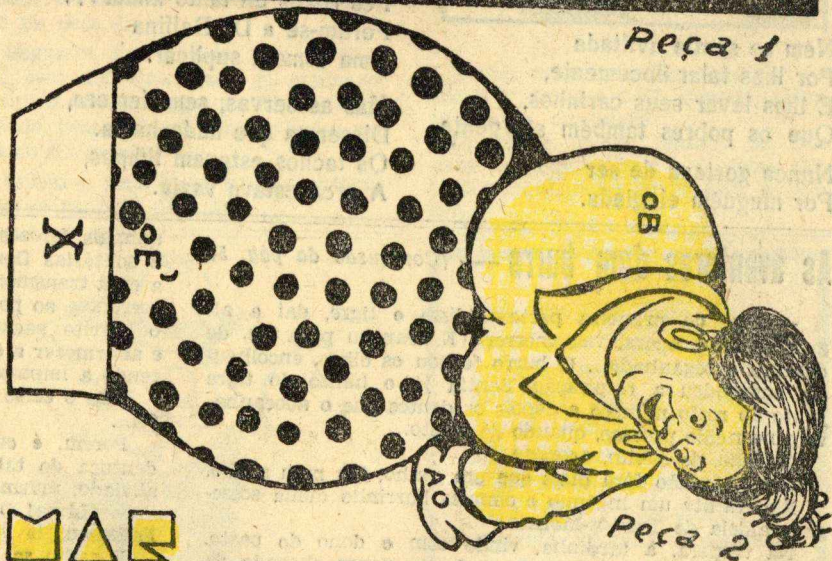
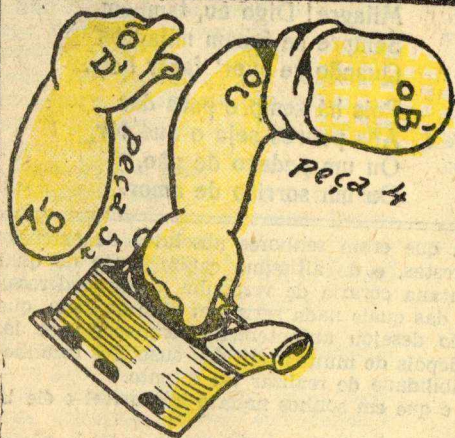
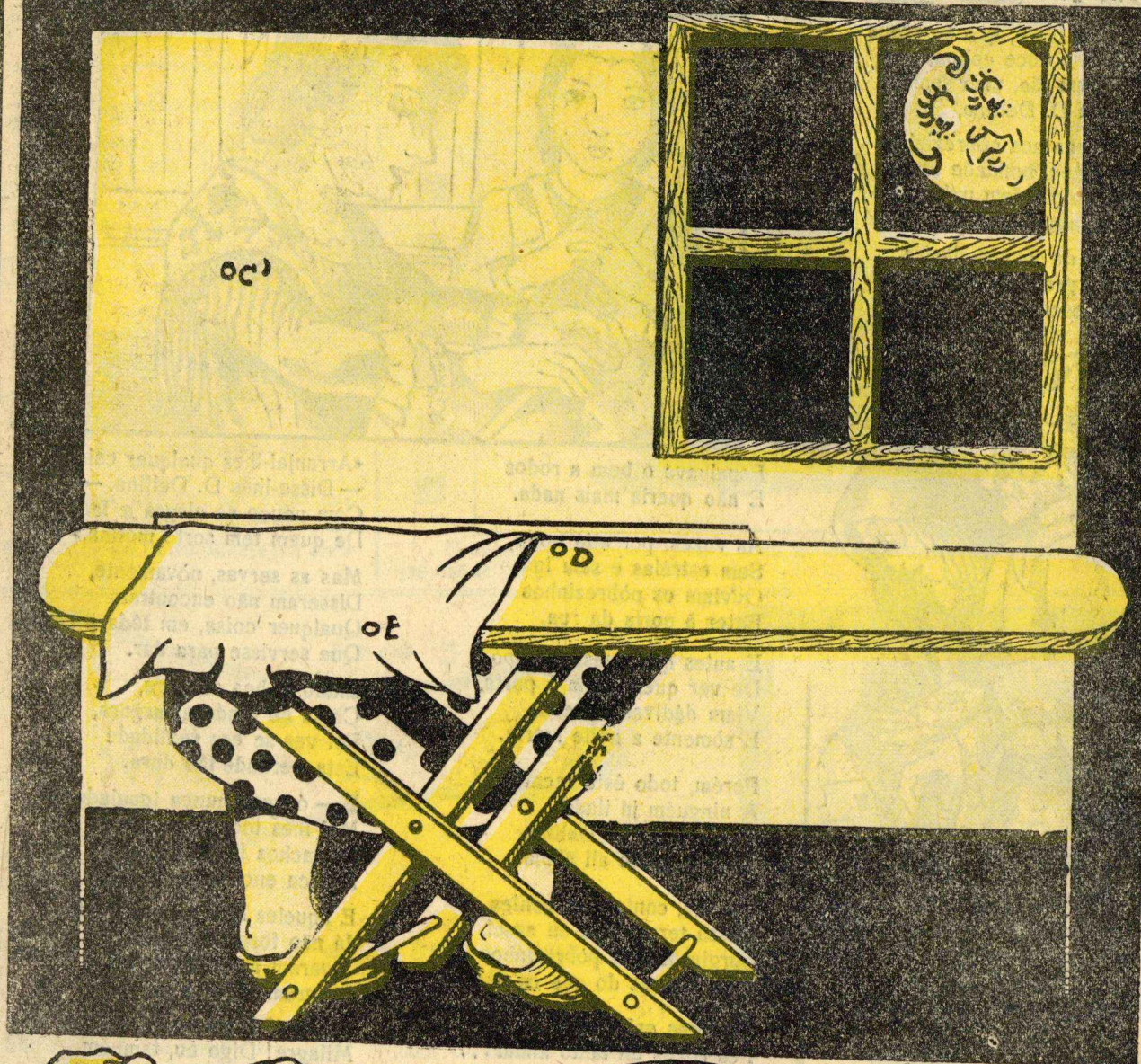
Mas o certo é que em sonhos nada é impossível e êle lá foi...

Porém, é curioso, não gostou; e ao despertar, com a dentuça do tal tigre, já a entrar-lhe na carne, respirou, aliviado, murmurando:

— «Livra! O que vale é que não foi mais que um sonho! Felizmente!»

E assim se gorou uma ideia tola, de quem, realmente, não fôra feito para aventuras.

PASSANDO A FERRO



PARA ARMAR

por TAVARES LINO